

## Carta Aberta à Presidenta Dilma Rousseff

4 de fevereiro de 2011, Dia Mundial do Câncer.

Li em **O Globo** de 05/02/2011, na página 13, matéria sobre o assunto. Dados já bem conhecidos foram, mais uma vez, citados: por ano, no Brasil, 4.800 mulheres morrem por câncer do colo uterino e mais 18.430 mulheres são acometidas do mesmo mal.

Para se fazer um paralelo, pode-se lembrar que a grande tragédia que castigou a Região Serrana do estado do Rio neste mês de janeiro totalizou, entre mortos e desaparecidos, menos da metade das 4.800 mortes causadas pelo câncer de colo uterino. Vale destacar um aspecto importante em relação a estes números: o câncer de colo uterino mata este número de mulheres (cerca de 5.000), anualmente, há décadas.

Em outro ponto da matéria, lê-se: “O câncer tem atingido cada vez mais a população jovem. Mudanças de hábitos podem fazer as pessoas saírem do grupo de risco... No entanto, o diagnóstico precoce e o acesso ao tratamento são fundamentais”. Esta informação fez-me lembrar do Plano de Ação para a Redução da Incidência e Mortalidade por Câncer de Colo de Útero (disponível em: [http://www1.inca.gov.br/inca/Arquivos/sumario\\_colo\\_uterio\\_versao\\_2011.pdf](http://www1.inca.gov.br/inca/Arquivos/sumario_colo_uterio_versao_2011.pdf)), lançado no final de novembro de 2010. A página 8 deste documento inicia-se assim: “O Programa Nacional de Controle do Câncer de Colo de Útero no Brasil baseia-se na detecção precoce deste câncer em mulheres assintomáticas, processo conhecido como rastreamento ou *screening*”.

Em nenhum momento deste documento, deixa-se claro que o câncer de colo de útero tem o HPV como o seu elemento básico, e que este agente infeccioso é, primariamente, uma doença sexualmente transmissível. Logo, como uma DST, o uso de preservativos durante as relações sexuais diminui sensivelmente sua transmissibilidade.

Neste documento, o câncer de colo de útero é, equivocadamente, dissociado de outras doenças causadas pelo mesmo HPV, tais como condiloma acuminado, neoplasias intraepiteliais/câncer de vulva, de vagina, de ânus, de pênis, papilomatose respiratória recorrente, entre outras enfermidades.

A relação entre atividade sexual e câncer do colo do útero não é um pensamento novo. Em 1842, dois médicos de Verona, Stern & Rigoni, já citavam que este câncer era transmitido por via sexual, pois, em suas pesquisas, constataram que a doença era rara em mulheres virgens e freiras, ao se comparar com os índices entre mulheres casadas e viúvas.

A documentação por via molecular da associação entre HPV e câncer do colo uterino tornou-se realidade na década de 1980. Em 2008, o médico alemão Harald zur Hausen foi laureado com o Prêmio Nobel de Medicina por suas pesquisas em câncer de colo uterino e o envolvimento de HPV. No entanto, muitas “autoridades” da área da saúde pública brasileira ainda não se deram conta da associação entre HPV/DST e cânceres, além de outras tantas doenças causadas por HPV. Ainda assim, muitos dos que negam a vacinação contra HPV entre a população que mais necessita deste cuidado, a atendida pelo SUS, não hesitam em vacinar seus entes queridos e indicar o procedimento para as clientes de clínicas privadas.

Até mesmo os exemplos de países como Austrália, Estados Unidos, Canadá, França, Alemanha, Itália, Espanha, Suíça, Portugal, Áustria, Noruega, Dinamarca, Suécia e México são ignorados por aqueles que têm o poder de compor comissões na área. Pesquisadores da Austrália, por exemplo, publicam há 2 anos o impacto da vacinação contra HPV na população jovem daquele país.

Enquanto o mundo já trabalha com a prevenção primária há anos, ou seja, evitar a infecção pelo HPV na população jovem, preferencialmente antes do início da atividade sexual, documentos do Ministério da Saúde do Brasil insistem em ter como objetivo apenas a detecção precoce do câncer. Ou seja, da lesão precursora ou da doença já instalada. As duas ações não são excludentes, pelo contrário, se fortalecem. Até porque, infelizmente, já existem milhares e milhares de pessoas infectadas pelo HPV que, em breve, desenvolverão lesões pré-neoplásicas e neoplásicas.

Enquanto o mundo investe de forma pesada em prevenção, no Brasil, 80% do orçamento do Ministério da Saúde são para pagar tratamento de doenças.

Por que esta carta dirigida à presidenta da República Federativa do Brasil, senhora Dilma Rousseff? Porque os técnicos até agora não conseguiram dar respostas eficientes à questão das doenças sexualmente transmissíveis.

Tenho convicção de que uma decisão política da parte de uma mulher que tem discursado sob a égide de inovação, eficiência técnico-administrativa, fortalecimento das ações em ciência e tecnologia, buscando o avanço na equidade dos direitos da mulher, pode liderar a mudança no entendimento de que a prevenção primária é o objetivo básico para a redução (quicá, eliminação) da incidência de cânceres causados por HPV, da infecção e de suas complicações (incluindo o hepatocarcinoma), do vírus da hepatite B e demais DSTs.

Finalmente, uma última reflexão, pois já me estendo. O Departamento Nacional de DST, AIDS e Hepatites Virais tem Comitê Assessor de Vacinas, mas não é possível identificar atividades que não sejam exclusivas para HIV. A vacinação na rede pública (SUS) contra hepatite B é restrita a pessoas até 24 anos. Acima desta idade, só será possível, caso a pessoa seja classificada com “lésbica, bissexual ou transgêneros” (<http://www.aids.gov.br/node/40143>). Logo, quem se disser heterossexual estará fora do grupo a ser vacinado.

O Dia Internacional da Mulher (8 de março), neste ano, coincide com o Carnaval. É possível que os eventos de empoderamento das mulheres se percam no meio da sensualização feminina, tão explorada pela mídia, nesta época. Assim, como uma forma de realmente celebrar esta data, a presidenta Dilma Rousseff poderia abrir o Congresso da Sociedade Brasileira de DST, no dia 18 de maio de 2011, em Curitiba, onde o tema central a ser debatido será “O impacto das DSTs na mulher”.

Niterói, 7 de fevereiro de 2011.

**MAURO ROMERO LEAL PASSOS**

Professor associado chefe do Setor de DST da Universidade Federal Fluminense